

Caso Henry: união de esforços em diferentes delegacias do Rio

Saiba quem são os delegados que investigam as acusações contra Jairo Souza Júnior, o Dr. Jairinho



BRUNA FANTTI
bruna.fantti@odia.com.br

Edson Henrique Damasceno, 40 anos, é um delegado de poucas palavras. Ao saber do motivo da matéria, com o objetivo de traçar seu perfil, já avisou: “Não gosto de fanfarronice”. Mas, ao entender que era para focar na sua vida profissional, assentiu. Afinal, seu trabalho na polícia fala por si só: foram inúmeras prisões importantes, que lhe renderam a promoção por merecimento a delegado 1ª classe, o topo da carreira, em 2019, com apenas 11 anos na corporação.

Assim como o seu colega de turma, delegado Adriano Marcelo França, 55, tem mergulhado no horror dos relatos das vítimas que passaram pela vida do vereador Jairo Souza, o Dr. Jairinho, desde a morte do menino Henry Borel, no dia 8 de março.

Como titular da 16ª DP (Barra da Tijuca), Damasceno apura todas as circunstâncias do assassinato da criança. Já França, que está há apenas 15 dias na Delegacia da Criança e do Adolescente Vítima (Dcav), investiga, até o momento, dois casos de violência em menores que teriam sido provocados por Jairinho há alguns anos. “É difícil provar agressões pretéritas, sem exames de corpo de delito. Mas temos policiais que fizeram cursos para ouvir crianças, com técnicas embasadas na psicologia. E nada é impossível. Sempre dá para recuperar provas, com muito trabalho”, explicou, na sua sala, logo após telefonar para a esposa e dizer que iria chegar mais um dia tarde em casa.

Apesar de serem de delegacias distintas, os dois trocam informações a todo o tempo. A trajetória de ambos como delegados na polícia começou na

Colegas de turma, delegados se reencontram na investigação do caso Henry

mesma turma de formação. No entanto, França já tinha uma carreira dentro da própria corporação, na qual foi inspetor por seis anos.

Em seu currículo, além de 40 elogios publicados, França tem como destaque a coordenação do fechamento das carceragens nas delegacias, em 2012. Com o feito, desde então, todo preso já é encaminhado diretamente ao sistema prisional.

Ele também esteve à frente das operações Lázarus, que visava ao combate à chamada ‘máfia dos cartórios’; Ubuntu, de tráfico em condomínios do Minha Casa, Minha Vida; Usura, contra agiotas; Pizzo, contra milicianos; entre outras. Também participou da operação de ocupação do Alemão, em 2010.

Em 2019, à frente da Polinter, prendeu mais de 600 foragidos — um feito inédito em um ano da unidade.

Damasceno, por sua vez, não fica para trás. Logo no início da carreira, passou a solucionar homicídios. Foi ele, inclusive, um dos criadores da Divisão de Homicídios, hoje Departamento, no qual ficou por seis anos. Lá, esteve em casos como o do goleiro Bruno, condenado pelo homicídio de Eliza Samudio; do assassinato da juíza Patrícia Acioli; além do estupro seguido de morte da menina Rebeca, 9, na Rocinha.

Apesar desses casos, seu reconhecimento como investigador perspicaz ocorreu após as prisões de chefões do tráfico, ao sair da Homicídios, muitas fora do Estado do Rio. Entre os presos, estão: Roger Freitas, o Roger do Jacarezinho; Periquito, operador de rotas do tráfico de Beira-Mar; Rogério Nascimento, o Crânio, de Acari. Outra prisão de destaque foi a do traficante Eduardo Cardoso, o Capilé, no Paraguai. Inadagado a respeito de como distancia a cabeça dos crimes, manteve o mistério.



ARTE O DIA

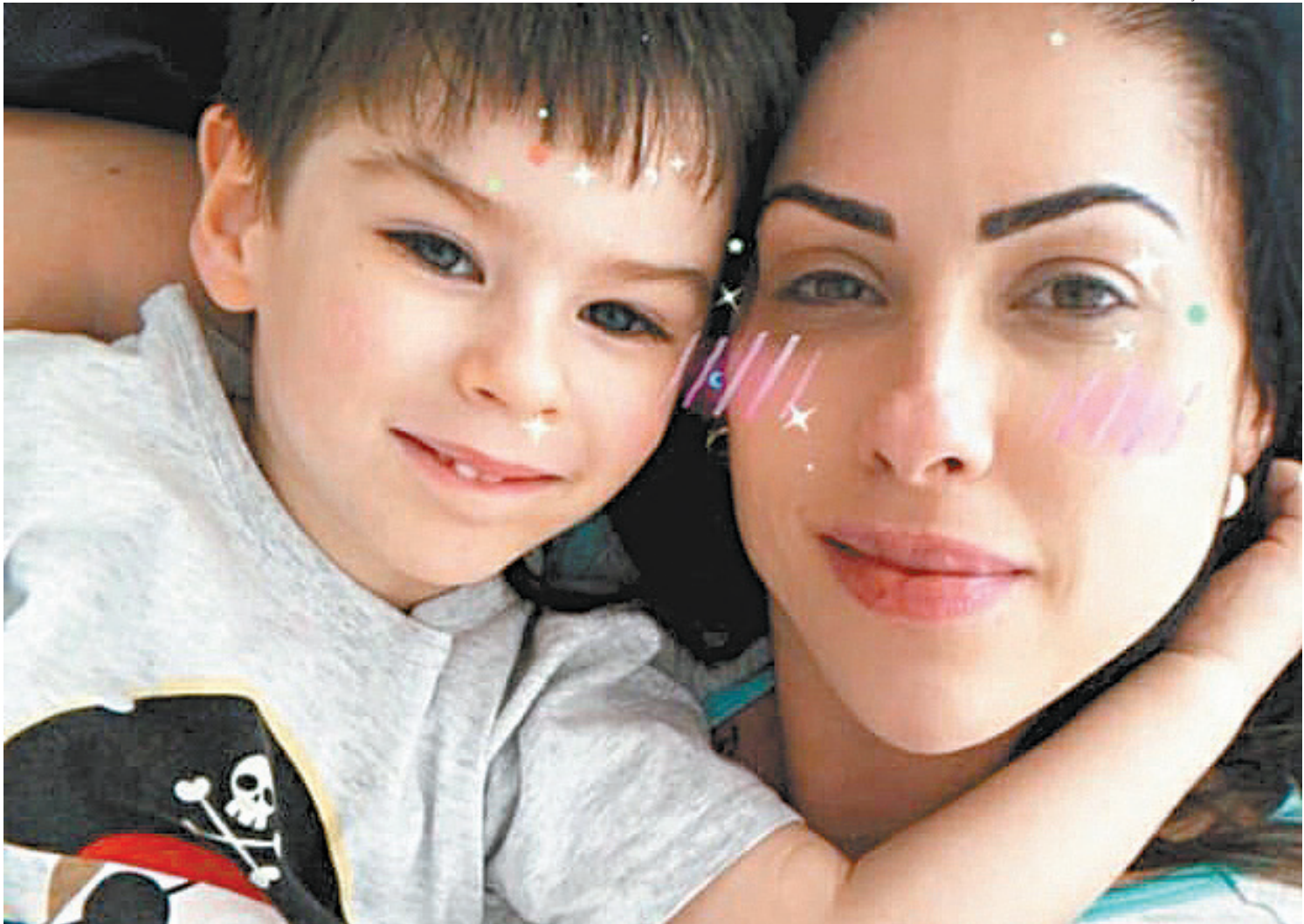
Defesa de Monique Medeiros quer novo depoimento

Advogados argumentam que ela era mais uma vítima do Dr. Jairinho e pedem que seja ouvida outra vez para dar detalhes do caso

Os advogados que defendem a professora Monique Medeiros, mãe de Henry Borel, afirmam que ela era mais uma vítima do vereador Jairo Souza Santos Júnior, o Dr. Jairinho (sem partido), que é acusado de violência física contra a ex-mulher e outras duas ex-namoradas. A defesa quer que ela preste novo depoimento à polícia e conte toda a verdade sobre seu relacionamento com o parlamentar, mas não entrou em detalhes se ela era agredida ou não. A Polícia Civil vai definir hoje se convocará Monique para um novo depoimento.

De acordo com a defesa, a polícia abriu precedente para um novo depoimento de Monique ao ter convocado outras testemunhas do caso que já estiveram na delegacia e que, no entanto, teriam omitido informações sobre a rotina de violências de Jairinho.

PRISÃO SERIA LIBERTAÇÃO
A advogada Thaise Mattar Assad, que faz parte da equipe de defesa da professora, chegou a dizer, na semana passada, que a prisão passou a representar para Monique sua libertação contra a opressão e o medo, dando a entender que ela teria sido coagida pelo namorado. O casal Jairinho e Monique está preso pelo homicí-



REPRODUÇÃO REDES SOCIAIS

O menino Henry Borel e a mãe, a professora Monique Medeiros: desfecho trágico para um caso que revolta e mobiliza a opinião pública

Segundo os advogados de defesa, Monique era mais uma vítima de Jairinho

dio de Henry Borel. Jairinho responde pela morte e por supostas sessões de tortura do menino. Para a polícia, a professora foi conivente com o caso, já que soube da forma que o filho era tratado pelo namorado, mas não o denunciou e permaneceu

ao seu lado, mesmo depois da morte da criança.

Jairinho está preso no Complexo de Gerició, em Bangu, na Zona Oeste do Rio. O Ministério Público do Rio de Janeiro (MPRJ) investiga supostas regalias ao vereador dentro da ca-

O vereador Jairinho está preso em Bangu e Monique, em Niterói

deia. Já Monique está no Instituto Penal Ismael Si-riero, em Niterói, na Região Metropolitana do Rio.

O delegado Antenor Lopes, diretor de Polícia Civil, disse que a expectativa é que o inquérito da morte de Henry Borel seja concluído ainda nesta semana. O menino morreu no dia 8 de março e um mês depois a polícia identificou que o casal Jairinho e Monique estaria envolvido na morte da criança.

NOTA NA ÍNTEGRA DA DEFESA
“Dentro do objetivo de atuar com a verdade, a defesa da Sra. Monique Medeiros insiste na necessidade da sua nova audição pelo Senhor Delegado de Polícia que preside o inquérito e faz um público apelo, para a referida autoridade policial, neste sentido. Se várias pessoas foram ouvidas novamente, não tem sentido deixar de ouvir Monique. Logo ela que tanto tem a esclarecer. Não crê a defesa que exista algum motivo oculto para ‘calar Monique’ ou não se buscar a verdade por completo. A defesa observou, do estudo dos novos elementos do inquérito, que há repetição de um comportamento padrão de violência contra mulheres e crianças. Neste lamentável caso, a diferença foi a morte da criança”.